

*HISTÓRIA DE TRABALHADORES, HISTÓRIA DE TRABALHO
E RELAÇÕES REGIONAIS – NA PORÇÃO CENTRAL DO BRASIL
(1890 – 1940)*

*WORKERS OF HISTORY, WORK'S HISTORY AND REGIONAL
RELATIONS - THE CENTRAL PORTION OF BRAZIL (1890 - 1940)*

*HISTORIA DE LOS TRABAJADORES, HISTORIA DE TRABAJO Y
RELACIONES REGIONALES – LA PARTE CENTRAL DE BRASIL
(1890 - 1940)*

Luiz Carlos do Carmo¹

Resumo: Esta reflexão discute aspectos da relação com a produção e, consequentemente, dos trabalhadores no processo de constituição e transformação de uma parte da região Central do Brasil. Importa compreender a forma como os trabalhadores foram chamados e responderam às inúmeras demandas, pressões dos novos e antigos ordenamentos produtivos e sociais que impactaram diferentes aspectos de suas vidas. Nesta análise, investigar-se-á o processo marcado pela inserção da produção regional na dinâmica nacional. Da mesma forma, buscar-se-á entender elementos antigos e novos que relacionaram-se com este conjunto de trabalhadores no interior do país.

Palavras-chaves: trabalhadores; regionalização; integração.

Abstract: This reflection discusses aspects of the relationship between the process of formation and transformation of a broad region of Brazil, combined with the perception of some people living in this area. It is also important to understand how family groups responded to numerous demands, pressures of new social orders, which affected various aspects of their lives. In this research process marked by the insertion of new ways of producing, managements, trade relations that impacted the ways of life of a group of workers inside the country will pursue up-

Key-words: workers, regionalization; integration.

Resumen: Em esta reflexión se analizan aspectos de la relación con la producción y, en consecuencia, los trabajadores en el proceso de formación y transformación de una parte de la región central de Brasil. Importante entender cómo se llamaban los trabajadores y sus respuestas a numerosas demandas, presiones de los sistemas productivos y sociales antiguas y nuevas que impactaron diferentes aspectos de sus vidas. En este análisis, será investigado-el proceso marcado por la inclusión de la producción regional en la dinámica nacional. Del mismo modo,

¹ Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (UFG), Catalão, GO, Brasil.. E-mail: lzcar-mo.lz@gmail.com

uno buscará entender-elementos antiguos y nuevos que estaban relacionadas con este grupo de trabajadores en el país.

Palabras clave: trabalhadores; la regionalización; la integración.

As informações do passado ainda orientam boa parte das ações do presente. Nas sociedades, algumas narrativas históricas histórias destacam-se, ganham relevo em função das forças dos grupos e suas capacidades, momentaneamente vitoriosa. A força interrogativa que se volta ao passado para refutar ou reforçar posições e compreensões, normalmente dá os contornos dos quadros históricos conhecidos. Cada época, com suas compleições, possuem questões que norteiam suas considerações, investimentos, esforços de entendimentos e leituras sobre a constituição da sociedade. Isto não chega a ser um problema, mas uma característica da produção de um dado conhecimento histórico².

A capacidade de determinadas narrativas históricas expressam-se pela sua qualidade específica de imiscuir-se nas relações diárias, de reelaborar-se

² A título de exemplo destaque, esquematicamente, a produção sobre o período colonial brasileiro. É sabido que a cada momento da sociedade brasileira a produção sobre o referido período estampou uma problemática de época. Dessa forma, pode-se apontar que as primeiras produções dão conta de um Brasil que é uma continuidade, uma extensão de Portugal – as produções de Basílio da Gama e Frei Santa Rita Durão combinam elementos que se somam às tentativas de conquista de uma nova condição colonial. Um segundo movimento pode ser percebido nas produções originárias do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em que se destacam características “típicas” de brasileiros, notadamente, alguns regionalismos ganham proeminência. Dos regionalismos, uma forma de nacionalismo incumbe-se de tomar o local de destaque nas produções que procuram consolidar o regime da época. Nessa direção, tinha-se uma forma de culto à nação, destaques às potencialidades naturais e a expansão do território. Acentuavam a formulação de fundo, contornando os limites de um programa político de tentativa de consolidação da nação por meio de fundamentos e compreensões extraídos de leitura sobre o período colonial. Com o aumento da presença de imigrantes e de investimentos estrangeiros, a série de modificações no cenário nacional suscita outras questões, tais como o fim da escravidão negra brasileira marca um momento em que a questão política desloca-se da centralidade do debate, sendo superada pelas preocupações sociais. As produções de Capistrano de Abreu, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, dentre outros, assinalam um enfoque e formas de investimentos novos. Com a primeira Guerra Mundial, o debruçar-se sobre a história colonial foi marcada pela pulverização de temas e questões – origem étnica dos grupos de brasileiros e imigrantes; a mistura dos grupos populacionais e as trocas/influências; a questão/rediscussão das bandeiras e demais incursões ao interior do país; o folclore, dentre outros. Na sequência, a situação da República e a crítica aos velhos grupos políticos nacionais, a fragilidade das eleições, o início da industrialização, a formação da classe operária, no âmbito interno. Nas questões internacionais – o fim da Primeira Guerra Mundial, com a ascensão dos Estados Unidos, União Soviética e Japão; crise de 1929 e a depressão nos anos de 1930 nos EUA informaram e influenciaram as produções sobre o período colonial brasileiro. Nos anos que se seguiram as questões voltaram-se para o plano estético, passando pelas questões do modernismo literário, plástico e musical, e a descoberta de “novos fenômenos” do período colonial brasileiro – a produção de Gilberto Freyre, Caio Prado, Sérgio Buarque, para citar alguns, sinalizam para questões como família; as relações de classes sociais e as estruturas de poder e a busca de elementos que permitam pensar o perfil brasileiro a partir da colônia, são alguns destaques.

continuamente, em meio às novas experiências, com os velhos sentidos de orientação da vida prática. Para esta reflexão, utilizo elementos da bibliografia sobre a região Central do Brasil, pronunciamentos de políticos, dados da produção regional e depoimentos de homens e mulheres trabalhadores. Destes últimos, busco aspectos a respeito das disposições sociais de sujeitos, que por meio do trabalho e a consequente relação de mercado da região com as demais partes do país e demandas do mundo produzem para além de bens e transformações diversas. Na verdade, ao produzirem, dia após dia, esses sujeitos acabam sedimentando sua própria condição de ser, sua humanidade. Parte-se da compreensão de que o ser social é composto por sua relação humana, sua dinâmica com os demais sujeitos próximos, assim como, com a natureza, sua potencialidade e sua limitação, que delineiam, claro, o próprio produto do trabalho, a valorização, e sua forma de ação transformadora.³

E, por certo, com essa relação tão direta, o homem, ao agir de forma consciente e intencional sobre a natureza com objetivo de transformá-la, distingue-se dos animais (MARX, 2002). Dessa forma, interessa, inicialmente, ponderar sobre a forma como homens e mulheres trabalhadores viabilizam as condições de vida em diálogo com aspecto das heranças dos antepassados, os projetos e perspectivas, dentre outros elementos, para em seguida pensá-los, inseri-los no universo de transformações estruturais da região.

Numa outra face, procuro aproximar e alinhar alguns acontecimentos e análises históricas que passam pelo conjunto de modificações ocorridas em algumas cidades do Triângulo Mineiro,⁴ Alto Paranaíba em Minas Gerais e o Sudeste de Goiás,⁵ nos anos de 1890 até os anos de 1940.

O período eleito (1890 – 1940) configura-se como um momento histórico em que ocorre boa parte das institucionalizações de algumas localidades, assim como aconteceu o pleno estabelecimento de algumas relações produtivas, a diminuição e mesmo o fim de outras que permitem pensar num ciclo que pode coincidir com os marcos propostos. Por certo que algumas fontes ou dados podem exceder os balizamentos proposto, mas, nesse caso, vislumbra-se uma continuidade de aspectos que se somam, contrastam, enfim, que dialoga com os temas propostos.

Embora de forma reduzida, as lembranças e apontamentos selecionados são de entrevistados trabalhadores, radicados há tempo suficiente para discorrerem sobre familiares, conhecidos, histórias que chegam do período em questão, e expressarem aspectos daquela vivência. Somente dessa forma

³ Uma ilustração, uma inspiração para essa situação pode ser obtida junto a obra de PALMÉRIO (1956) dentre outras.

⁴ Sobre o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, dentre outros, cito: PEZZUTI (1992); PONTES (1978); SAMPAIO (2001).

⁵ Sobre o Sudeste de Goiás, destaco, dentre outros, ALENCAR (1993); BORGES (1990); PALACIM (1979).

é que se perseguirá correlacionar as transformações, as mudanças ocorridas em outros centros nacionais, que podem ser alinhados na busca de explicação, compreensão de permanências, rupturas, dentre outras novas construções tributárias ou não de processos maiores, que inspiram pensar a profusão de sentidos que emanam desse diálogo sobre a atuação e presença de famílias trabalhadoras nessa parte do país.

No tocante ao trato com a história oral, isto é, o uso de fontes orais e diálogos profissionais com os entrevistados,⁶ tem-se por meio dessa interlocução a possibilidade de aproximar, questionar aspectos que passam pelos recônditos de sistemas totalitários. Ilustra a situação a preponderância desses diálogos junto a situações que passam por golpes de governos; regimes totalitários; silenciamentos de questões sociais graves; questões de grupos indígenas e afrodescendentes; infratores sociais; identidades contemporâneas diversas; narrativas marginalizadas que persistem em meio à círculos menores, dentre inúmeras outras.

As fontes orais permitem pensar que os processos de negociação, tensionamentos diversos, defesa de compreensões sociais e posicionamentos sobre os acontecimentos passados, empreendidos por cada grupo social, ocorrem em meio a uma construção política, uma espécie de primazia do balizamento das posições no presente e os encaminhamentos do futuro. As disposições sociais diversas, por mais que postulem, quase nunca conseguem bloquear os incontáveis elementos que se somam e os constituem enquanto sujeitos dotados de sentidos e desejos sociais próprios.⁷

No diálogo com os entrevistados, uma dupla de trabalhadores da cidade de Prata,⁸ no Triângulo Mineiro, os senhores Miguel Calixto e João Batista – selecionados por serem moradores há décadas radicados nesta localidade – respondem à indagação acerca das condições da presença das famílias de trabalhadores nesse município. De forma sucinta e direta, depois de uma manhã de conversa sobre as facilidades e as dificuldades históricas, têm-se as seguintes observações:

só tinha serviço nas fazenda, num tinha outra coisa que fazê. Era pra todo lado, na cidade era quase nada. Todo mundo nas fazen-

⁶ Valho-me de um apontamento acerca da história oral, entendida como metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas, por meio de conversas geradoras, que podem ser anotadas e/ou gravadas, com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Diferentemente de seu uso inicial brasileiro, volto-me para grupos de homens e mulheres que podem disponibilizar aspectos da vivência de pais, avós e parentes diversos. Para mais ver sobre o assunto, acessar: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>.

⁷ Para uma situação exemplar, ver os apontamentos de POLLAK (1989).

⁸ O município de Prata, em Minas Gerais, emancipou-se em 1848, contava em fins de 1880 com cerca de menos de 3.000 habitantes. Dista cerca de 80 km de Uberlândia - MG, 115 km de Uberaba - MG e 190 km de Catalão - GO.

das, e era muita gente, era um movimento grande mesmo. Era um trabalho sem fim, com a cana, com a moenda na época do frio, com a destoca, a retirada do mato, a queimada e a plantação, era isso, o tempo todo, desde meus avôs. De tempo em tempo, carregava tudo e levava pra Uberlândia, lá vendia e comprava enxada, lima, querosene [...]”⁹.

O senhor João Batista e o senhor Miguel Calixto são conhecidos de longa data, ambos possuem mais de sessenta e cinco anos, moradores na sua adolescência no bairro do Coqueiro¹⁰, trabalharam juntos em fazendas produtoras de leite e derivados do entorno do município de Prata. Ambos são homens alegres e donos de fácil riso.

Depois de, aparentemente, surpreendidos com a minha intenção de pesquisa, soltam-se, falam de aspectos diversos, mas, a pergunta anterior e o processar da resposta embarga-os indistintamente. O senhor Miguel Calixto, depois de alguns instantes de hesitação fala mais e não esconde a sua dificuldade com o ocorrido no relacionamento entre negros e brancos nessa localidade. O modo como os negros figuraram no cenário recente desse município é rememorado e quase se tem uma inversão da lógica da histórica exclusão presente nas palavras do entrevistado.

O acanhamento e a pouca habilidade a que se refere o depoente no trecho acima pode ser compreendida de outra forma. As palavras do senhor Miguel Calixto, referendadas pelo senhor João Batista, com constantes acenos de cabeça e outras positivamente durante a entrevista, trazem aos nossos dias elementos de um intenso e bem sucedido propósito de determinados setores locais que conseguem que os aliados dos poucos postos de trabalho desse município estejam salvaguardados, e o nicho dessas ocupações recaiam sempre sobre os do mesmo grupo local. Por sua vez, reiterará que os membros dos outros segmentos sociais não possuem a capacidade técnica e/ou o desembaraço pessoal, pautados, inclusive pela timidez, para ocupar alguns cargos¹¹.

Na cidade de Catalão, a senhora Benedita Quirino, outra entrevistada, de fácil abordagem e empatia instantânea, revela aspectos interessantes

⁹ Depoimento do senhor Miguel Calixto e do senhor João Batista, do dia 22 de maio de 2000, na cidade de Prata-MG. Gravado, acervo do autor.

¹⁰ Por ocasião da entrevista, em 2000, o senhor João Batista morava na cidade de Uberlândia, o senhor Miguel Calixto continua a morar no mesmo bairro do Coqueiro, na cidade de Prata. Tentei visitá-lo a cerca de 6 (seis) meses, mas infelizmente estava muito doente. Ambos são amigos de longa data, e informou-me o senhor João que ainda mantém relativo contato telefônico.

¹¹ Residem aqui elementos de uma construção que procura amortecer as tensões entre as classes. E tal como o divulgado atual discurso sobre a péssima qualificação da mão de obra brasileira e a suposta disponibilidade de vagas no mercado de trabalho nacional, que procura ensinar o peso da condição de exclusão ao próprio trabalhador. Uma inverdade incessantemente veiculada.

quando indagada sobre a forma como viviam, quais eram as condições de vida dos homens e mulheres na localidade, e afirma que:

sempre morei aqui, e te digo, não foi fácil não, era duro, difícil e separado, a gente num misturava não, era poucos, muito pouco, os que vinha, era eles pra lá e nós pro nosso lado [...] a vida dos pobre era só travaia e nada, de sol a sol e nada, [...] nós conseguimos esse terreno aqui porque ainda tinha uma força, meu marido tinha um poquinho de recurso, [...] mas os outro coitado, morava lá na boca da onça, foi difícil [...] o trabalho era muito e o dinheiro quase não tinha, era um dia, uma semana por uma banda de porco, uma parte do roçado, não tinha dinheiro.¹²

Apesar de uma imprecisão e de uma clara dificuldade em falar do trabalho de familiares e amigos mais velhos, a depoente deixa transparecer que as condições para boa parte da população trabalhadora eram difíceis e as possibilidades de sucesso pelo trabalho – independentes do atrelamento incondicional aos detentores dos meios, dos recursos privados e que estavam à frente dos encaminhamentos do ordenamento das questões públicas locais – não eram muitas. Um tempo histórico, em que não ocorria o pagamento em dinheiro, parece estranho, quase um erro, mas a realidade histórica regional dialoga com a ausência de numerários e formas de pagamento de trabalho por meio de troca de mercadoria, participações em safras agrícolas, dentre outros.¹³

Nesse rápido esboço de múltiplas vivências e das diversas formas de compreensão e posicionamentos sobre o que vivera o conjunto de homens e mulheres trabalhadores, as observações apontam não para descontinuidades de trajetórias que, aparentemente, não se concatenam, mas pelo contrário, para indícios amplos e variados de uma forma de viver tensionada nessas localidades que se coadunam e compõe uma trajetória de singularidades experimentadas, que muito se assemelham.

¹² Depoimento da senhora Benedita Quirino, da cidade de Catalão-GO, no dia 13 de julho de 2000.

¹³ Sobre o pagamento, discorre Hamilton Afonso (2006) quando analisa a construção da riqueza na região sul do Estado de Goiás: “O pagamento, geralmente, era feito em espécie, a começar pelo acesso a um pequeno pedaço de terra onde construíam as suas casas simples. Nestes terrenos plantavam e criavam galinhas e porcos. Tudo que se produzia era dividido com os proprietários das terras, cujos laços poderiam ser reforçados pelas relações de compadrio, camaradagem e criadagem que, às vezes, se mantinham ininterruptamente por gerações. Na ausência de moedas e da cultura do dinheiro as relações de trabalho não se fundamentavam nos princípios de uma economia capitalista e de mercado, baseadas no pagamento de salários fixos e em moeda. As relações sociais e de trabalho fundamentavam-se nos laços familiares, no compadrio, camaradagem e escravidão. Os serviços de um jornaleiro, segundo a literatura dos viajantes, memorialistas e depoimentos de velhos lavradores e agregados, eram pagos em mercadorias como arroz, milho, manteiga de porco, farinha e feijão”. (OLIVEIRA, 2006, p. 128).

A noção de grupos populacionais trabalhadores da sociedade brasileira, seus modos de ser, de ver e as históricas distinções recebidas e impetradas ao longo dos anos, advém de aspectos e situações permeadas por reelaborações a partir de avaliações, ponderações, negociações sociais diversas, de difícil manuseio.¹⁴ Há que se considerar que na presença de compreensões balizadas pela noção de raça que permeou os mais variados estudos e projetos para a sociedade brasileira – desde a chegada da Família Real Portuguesa e o acréscimo nas diversas produções, em terras brasileiras, e que supostamente deixou a predominância das mentes a partir da obra de Paulo Prado (1997)¹⁵ – tem-se a evidência de que os grupos populacionais brasileiros teriam sido marcadas pela ausência que encerram e não pelos atributos que possuem.

A questão da invisibilidade de vários atributos, a redução às questões de origem dos trabalhadores e também a questão racial, junto a outros diversos assuntos que permeiam, ou devem permear, os esforços de reflexão sobre os trabalhadores brasileiros estão marcadas por instrumentos de leitura e fundamentações teóricas que os fizeram tributários de crenças nas medidas universais e sua possível capacidade de equacionar diferenças e problemas específicos dos diversos grupos sociais e mesmo de diferenças regionais.

Numa outra dimensão, as reflexões de Ana Paula Pereira Costa (2006) dialogam com as compreensões de que no Brasil, ao longo dos tempos, tem-se as estratégias de manutenção da riqueza e dos postos de poder que configuram uma maneira de ser e de atuar bem marcada de um grupo de famílias.

Em linhas gerais, pode se apontar que, dos mais de quinhentos anos de Brasil, o destaque dos acontecimentos da região centro-sul é, relativamente, recente quando contrastado com outras partes do país. A característica da ocupação litorânea, as primeiras formas de produção e destinação das mercadorias coloniais, a forma de fiscalização metropolitana, podem ser listadas no conjunto de explicações acerca da menor relevância sobre determinadas regiões brasileiras¹⁶.

Para a reflexão, a área formada por municípios das três regiões citadas anteriormente, diferentemente de partes da história de regiões como o Nordeste,¹⁷ o Norte, a inauguradora região litorânea, é chamada aos registros históricos de forma breve, e praticamente tributária da expansão bandeiran-

¹⁴ Ainda assim, destacam-se análises que expõem que a maior parte das reflexões feitas ressaltam a falta, a ausência de capacidades desses trabalhadores. Para mais ver: PAOLI, Maria Célia. Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. *Revista Brasileira de História*. Editora Anpuh, Vol. 03, nº 6, pp. 129 – 149.

¹⁵ Originalmente a edição desta obra é da década de 1940.

¹⁶ Basta qualquer pesquisa em banco de dados sobre a região, para verificar que o número de títulos recentes bate em muito com os de outras regiões. A explicação exige algum investimento, o que não faremos aqui.

¹⁷ Para mais sobre o ideário da região nordeste como lugar do atraso, do rural, do passado que resiste às mudanças, dentre outros ver: ALBUQUERQUE JR (2009) e GARCIA JR (1990).

tina. Fica clara a especial referência ao Estado de São Paulo, que se insere nos enredos da História brasileira de forma única e bem marcada. Por sua vez, há indícios que permitem pensar que alguns produtos regionais, listados nos interesses de negociantes nacionais e estrangeiros, tais como a madeira que fora retirada das matas e transportada pelos rios, que numa combinação lógica do fluxo das águas, o que parece marcar uma dinâmica regional e um diálogo com outra possibilidade de escoamento por meio do Rio da Prata. Na mesma direção, a busca por metais preciosos, riquezas rápidas, nem sempre fácil para os que trabalhavam de fato, parece inserir a região numa característica de espaço do Brasil, em que a produção e a consequente visualização e valorização, vinda do exterior, dão o tom de uma imagem histórica bem conhecida, quando não obliteradora de outras formulações¹⁸.

No diálogo com as dinâmicas produtiva e as demandas diversas, há que se considerar os impedimentos, obstáculos ocasionais e os perenes que marcam outros espaços e, consequentemente sua produção. Neste sentido, mesmo que de modo rápido, tem-se que com problemas climáticos no nordeste brasileiro, com o decréscimo da produção no Vale do Paraíba, região que combina áreas do Rio de Janeiro e de São Paulo que durante os anos de 1830 até aproximadamente 1930 concentrou grande parte da produção do café¹⁹ a expansão das áreas produtoras era algo já vislumbrado por muitos. Com esse quadro, parece razoável pensar no surgimento/incremento da presença de escravos negros, imigrantes estrangeiros – alguns recém naturalizados – e nacionais que se deslocam em busca de oportunidades, saem, são levados dos antigos para os novos centros da produção, configurando uma nova e a onda de investimentos impactavam áreas que não possuíam aquela produção (MATOS, 1974; SILVA, 1976; MELLO, 1998; PERISSINOTTO, 2000).

As cidades do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e partes do Sudeste de Goiás, à sua maneira, estavam presentes, direta ou indiretamente, no desenrolar da constituição de diversos empreendimentos de vulto nacional. A busca por metais preciosos, a presença do gado, quase par e passo à descoberta do ouro, a crença na busca de drogas do sertão são algumas das possi-

¹⁸ É sabido que nos mais de quinhentos anos da História brasileira é somente com a criação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894) e posteriormente da Academia Paulista de Letras (1909) que se iniciam a constituição de uma imagem de São Paulo na cena Histórica nacional. A princípio, transparece que a região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás são chamadas à cena nacional, por ocasião das entradas de bandeirantes e mercadores diversos que procuravam meios e formas distintas de obtenção de riqueza rápida. Antes desses marcos, a proeminência das ações e da repercussão econômica nacional dialogava com outros sujeitos, outras regiões, em sua maior empresa.

¹⁹ Da mesma forma, a constituição de um sistema bancário torna os investimentos possíveis e a consolidação de grupos cada vez mais próximos das riquezas nacionais, conseguindo garantias de investimentos, quando não a certeza de investimentos iniciais feitos pelos governos estaduais, para em seguida, tendo o caminho pavimentado, ter se a instalação de capitais particulares.

bilidades que asseveram uma forma de presença e atuação econômica, com desdobramentos vários para as famílias trabalhadoras (BRIOSCHI, 1999; OLIVEIRA, 2007).

Ao se pensar historicamente, a região Central do Brasil, diferentemente dos mais de trezentos anos de domínio econômico e político do nordeste brasileiro, assentado na dinâmica advindo da produção da cana de açúcar – em que as grandes plantações em que o trabalhador negro escravizado gerava a riqueza que ficava concentrada nas mãos de poucas pessoas, os municípios do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás parecem terem sido talhados de outra maneira.

À luz dos números apresentados na tabela a seguir, têm-se dados que combinados aos apontamentos dos entrevistados é possível acompanhar uma dinâmica produtiva complexa, com ramificações a setores e espaços que precisam ser melhor compreendidos e que passam pela presença da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro. Tal dinâmica vai da chegada da companhia à cidade de Uberaba, no ano de 1890, quando movimentou-se na referida cidade a quantia de 3.324,24 toneladas de produtos importados e 207,79 exportados (OLIVEIRA, 2007), o que deixa ver uma função/capacidade de comunicar-se com demais mercados consumidores, assim como de produtores que se estendem das localidades próximas, passando por Goiás, estendendo-se até o Mato Grosso.

CIDADES	HOMENS	MULHERES	TOTAL
S. Pedro do Uberabinha●	6.057	5.799	11.856
Uberaba	11.167	9.651	20.818
Patos	14.352	14.125	28.477
Patrocínio	24.747	25.146	49.893
Prata	7.192	6.871	14.063
Paracatu	23.789	24.399	48.188
Araguary●●	5.331	5.302	10.633
Araxá	18.450	15.567	34.017
Monte Carmelo	8.427	8.175	16.602

Tabela 1: População de Uberlândia e cidades vizinhas em 1900

Fonte: Dados – IBGE estimativas de 1900

A movimentação produtiva, a dinâmica econômica com relações diretas com centros consumidores nacionais, e não raro com representantes de Portugal, muitas vezes pressionados pelas forças inglesas, deslindam desenhos de investimentos, projetos, inquietações com a potencialidade e as possibilidades regionais. Nessa sequência, os meandros de alguns municípios viraram suas preocupações diárias, sua capacidade produtiva para a nova construção assumida pelo país e dialogaram com as solicitações de seus novos interlocutores.

Enquanto no nordeste brasileiro, o trabalho escravo em grandes latifúndios pode ter sido as bases do sistema econômico e social do país, com uma tremenda hierarquia social, com enquadramentos públicos e privados, apesar da presença de holandeses e portugueses – a região em análises parece ser tributária de outros aspectos históricos, e ter conseguido desenhar um equilíbrio concêntrico com feições próprias, mas impactado pelas dinâmicas de outras partes do Brasil.

Por certo que as condições de igualdade engendradas pela recém inaugurada República Brasileira, que restringiu a participação política que se esforçara para eliminar os fios e as relações com o passado que procurara distanciar-se, somam-se a inúmeros outros aspectos. Assim, vale lembrar que, num outro estudo (CARMO, 2000), diversos entrevistados, quando indagados sobre as condições de vivência dos trabalhos em que se inseriam, assim como seus pais e avós, apontam, claro, para os afazeres, mas relatam que alguns municípios da região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás possuíam espaços em que adensavam a presença majoritária de homens e mulheres negros.

As relações entre a economia da cidade de Uberlândia e a das cidades vizinhas, nesse período, já haviam se constituído e a dependência das economias das cidades menores tornou-se uma fonte de riquezas para a classe empresarial local, que conseguiu auferir divisas e *status* de cidade que primeiro se civilizava e progredia como poucas. E essa situação era, consequentemente, motivo de orgulho e ufanismo para as lideranças econômicas e políticas da cidade.

Por sua vez, analisando o Relatório da Comissão Econômica,²⁰ compreende-se, com a soma dos apontamentos dos entrevistados, a forma como estava construída a base dessa economia. No relatório, o autor destaca o peso das charqueadas e das atividades de beneficiamento de arroz na conformação da economia do município:

[...] se atendermos ao fato de, mais da metade de nossa produção industrial ter origem em duas únicas espécies de indústrias, veremos que estamos muito aquém das nossas exigências. Referi-

²⁰ Fonte: Jornal Correio de Uberlândia, 4 de maio de 1948.

mos-no às máquinas de beneficiamento de arroz e às charqueadas; corra mal tempo para a safra daquele cereal ou proíba o Governo Federal a matança do gado para a charqueada como medida de proteção aos rebanhos e veremos a nossa produção cair em mais de 50%²¹.

Os senhores Miguel Calixto e João Batista,²² assim como a senhora Benedita Quirino²³, apontavam para a dinâmica produtiva regional, marcada pela produção agrícola em tempos que recuam aos seus antepassados, permitindo pensar numa relação que se aproxima de nosso marco inicial e que continua destacando-se por ocasião do relatório da Comissão Econômica.

Não é difícil notar a relevância da indústria de beneficiamento de arroz e de charque nesse universo industrial. Conforme pondera o documento, bastaria um revés das condições naturais ou uma intervenção do Governo Federal para com a matança dos animais e a economia do período se encontraria comprometida em sua maior parte. No relatório citado acima, mais dois produtos, a banha e os couros preparados, beneficiados pela indústria da cidade, com a quase exclusiva presença de trabalhadores negros, são apontados no conjunto de produtos que faziam o orgulho da indústria local.²⁴

Nesse sentido, tem-se o fato de que algumas das atividades, como as charqueadas e o beneficiamento de arroz, ocupavam lugar estratégico na economia do município como atividades que movimentavam boa parte da economia, executadas, em sua maioria, por um único segmento da população de Uberlândia. E, na mesma direção, faz-se necessário pensar sobre a condição do trabalhador negro inserido nesses postos de trabalho, ou seja, sua atuação junto a setores de importância para a economia da época.

No tocante à questão econômica, notadamente, o trânsito de mercadorias para o oeste não se deu apenas pela disposição dos mercados atrelados à São Paulo. Há que se registrar o predomínio de mercadores e negociantes diversos de Salvador e Olinda, além de contrabandistas que muito preocupavam as autoridades tributárias.²⁵

²¹ Idem, *ibidem*.

²² Depoimento do senhor Miguel Calixto e do senhor João Batista, do dia 22 de maio de 2000, na cidade de Prata-MG.

²³ Depoimento da senhora Benedita Quirino, da cidade de Catalão-GO, no dia 13 de julho de 2000.

²⁴ Fonte: *Jornal Correio de Uberlândia*, 4 de maio de 1948.

²⁵ Apesar do destaque do Rio de Janeiro, ocorrido com o deslocamento da capital e do eixo econômico, as demais relações entre as várias regiões brasileiras intensifica-se com o ciclo do ouro. Goiás e Belém, o Nordeste brasileiro e Minas Gerais, dentre outras, são algumas a serem lembradas. Originalmente pertencente à Bahia e a Pernambuco, o Norte de Minas foi incorporado em 1720 à nascente Capitania de Minas Gerais. Para mais ver: COSTA, João Batista de Almeida. Minas Gerais na contemporaneidade: identidade fragmentada, a diversidade e as fronteiras regionais. In: *Cadernos da Escola do Legislativo*. Belo Horizonte, v. 11, nº 16, p. 117-

A princípio, a compreensão de que o núcleo de povoamento da maior parte das localidades do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás, tiveram sua origem, em atividades subsidiárias da mineração ou as que a substituíram, pode ter estimulado percepções acerca da região Central do Brasil, que de certa forma, inserem-na num desenho mental fácil de ser apreendido. A multiplicidade de sujeitos e outras possibilidades de entradas e disposições de permanência, ainda são assuntos a serem melhor compreendidos.

Pode apontar que a construção dos limites dessa região não se deu de forma simples e bem assentada para todos os sujeitos que percebemos em sua dinâmica. Na história social brasileira, um amplo e tenso processo de construção do cotidiano contribuiu para a naturalização de algumas ações e de aspectos vários, tais como a crença na equânime participação igualitária, com acesso à estrutura de participação e a participação equilibrada nos mecanismos de construção dos códigos de comportamento. Há nesse ângulo, a intenção de perspectivar elementos da complexa problemática de constituição do convívio social e da produção de riquezas, assim como o usufruto deste empreendimento. Neste sentido, o artigo voltou-se para elementos do passado que se somam a uma forma de pensar os processos de participações dos indivíduos na construção do que agora é o presente. E, conseqüentemente, problematizar-se-á os pilares de edificação do ser brasileiro, contraposto aos distintos modos de participações na construção do que conhecemos nos dias atuais.

No tocante à região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás, quando da anexação oficial da região do Triângulo a Minas Gerais, em abril de 1816,²⁶ assim como a região de Paracatu, ocorre um acento representativo de mudança no aspecto da ocupação territorial, marcando não apenas um novo elemento, para além do povoamento da faixa litorânea e a redistribuição demográfica no Centro-Sul com diálogos produtivos e de circulação de mercadorias intenso até Vila Boa, em Goiás, formando o que denomino de região Central do Brasil.²⁷

137, jan/jun. 2009. Disponível em: <http://zip.net/brc0J9>. Agradeço ao amigo Paulo Sérgio Moreira da Silva pela indicação da fonte e pelos comentários diversos.

²⁶ Aponta Caio Prado que: “o território que constitui o chamado Triângulo Mineiro fazia parte de Goiás. Transitava por ele o caminho que leva de São Paulo à capital goiana; e era por este aí quase o único sinal de vida humana, salvo algumas tribos indígenas mestiçadas e semicivilizadas, bem como uns rudimentos de mineração no alto no rio das Velhas (afluente do rio Paranaíba), quando em fins do séc. XVIII começam a se estabelecer na região, com fazendas de gado, os “generalistas”. Com esta invasão formam-se vários povoados, todos de origem mineira. Desemboque (hoje simples distrito de paz da cidade próxima de Sacramento), Araxá, Uberaba e outros, e dela resultará a anexação oficial do Triângulo a Minas, pelo alvará de 4 de abril de 1816 (PRADO JR., 1997).

²⁷ O Alvará de desanexação da Capitania e Comarca de Goiás, publicado em 4 de abril de 1816, pode ser visto em http://www.brown.edu/Facilities/John_Carter_Brown_Library/CB/1816_

Numa outra face da questão, pode-se apontar que o proposto acima, é um exercício rápido e impreciso de análise de relações de poder regional, que impactam a vida de diversos sujeitos. Por certo que concorda-se com a limitação do exercício, que exigirá, decididamente, mais complexo e difusos investimentos interpretativos. E, é intenção perseguir a habilidade política, as instalações sociais sinuosas, há muito utilizado por grupos/setores brasileiros que sedimentam compreensões, naturalizando percepções histórico-sociais²⁸.

Com variantes e especificidades regionais e conjunturais de um país com as dimensões do Brasil, os desígnios das cidades sempre foram gestados e apoiados a partir de escolhas e pretensões dos diversos projetos locais e suas intenções, que acabavam tendo como parâmetro sempre os seus hábitos, práticas sociais, sistemas religiosos, perspectiva de vida e demais pontos organizacionais.

No entanto, o palimpsesto social brasileiro imprime, insistentemente, de formas diversas, o timbre das vozes de sujeitos tidos como mortos em meio aos diversos desdobramentos da busca da suposta melhor técnica, da busca da produtividade e dos relatos das autoridades. Dessa maneira, procuram reafirmar a crença na sedimentação de uma proposição universalista de ação política e não admitem que projetam uma clara formulação que assenta-se no julgamento que perfila a ausência de direitos sociais iguais às distintas participações dos grupos de sujeitos que fizeram e fazem as regiões brasileiras. E a região do Brasil Central não é diferente desse cenário histórico.

Ao longo da construção das nações²⁹ pode-se apontar que a diversidade de formas de agir e ser são estruturadas de modo a gerar uma convergência, um sistema de balizamentos sociais, em que os diversos sujeitos, e tudo que os encerram, sejam condensados em princípios, valores e compreensões únicas. Tal prática parece canalizar a potencialidade da diversidade em formas de produzir, empenho de diversos e distintos sujeitos, canalizados para uma espécie de agir comum.

docs/L06_p01.html. Acessado em março de 2014.

²⁸ Tais como fizeram e fazem uma parcela das primeiras gerações de europeus que aportaram no Brasil, e o processo de construção de refúgios importantes para os seus valores e saberes, e com os anos, somadas as opções e construções históricas de tentativas de dominação, exploração, e de também resistência que seguiram a edificação da nação, podiam de tempos em tempos retornar, alinhavar as intenções do presente a aspectos do passado, e naturalizar as condições vividas. A observação de que: “... a nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora.... que transporta o significado de casa e de sentir-se em casa ...através da meia passagem ...daquelas distâncias e diferenças culturais, que transpõem a comunidade imaginada do povo-nação...”(BHABHA, 1998. p 119).

²⁹ A respeito de alguns elementos que marcam a compreensão dos vários aspectos que identificam a constituição e a variedade de fundamentações que regem as nações, ver dentre outros: HOBBSBAWN, 1990 e 1988; ANDERSON, 1989.

Na sociedade brasileira, não são poucos os exemplos de diferentes tratamentos dispensados aos diversos grupos populacionais. Por certo, salta aos olhos de qualquer análise histórica, as distintas propostas elaboradas pelos legisladores nacionais, para as questões sociais, educacionais, e mesmo as produtivas, presentes nos encaminhamentos da relação desejada no dia-a-dia para os diversos sujeitos nacionais. Neste quadro, as tentativas, contidas na natureza das tentativas de padronização, dos comportamentos dos diferentes sujeitos, no interior de projetos e disposições que, inicialmente foram impostas, mas, claro, com o tempo, sofreram formas diversas de resistências e enfrentamentos tiveram que ser negociados, tensionadas, em termos, nem sempre equilibradas, parecem encerrar, boa, parte das páginas da história da sociedade brasileira.

Nessa direção, as palavras do deputado federal constituinte Antônio Ferreira Franco, na sessão de 23 de setembro de 1823, na cidade do Rio de Janeiro, vão de encontro com as de seu colega de Montesuma que propõem:

queria que se adotasse a emenda do senhor Vergueiro para se desvanecer a idéia de que se há de fazer diferença entre brasileiros e cidadãos brasileiros. Ser brasileiro é ser membro da sociedade brasileira, portanto, todo brasileiro é cidadão brasileiro: convém sim dar à uns mais direitos e deveres que à outros, e eis aqui, cidadãos ativos e passivos³⁰.

Na contraposição aos argumentos acima expostos, o deputado federal constituinte Antônio Ferreira propõe que:

nos não podemos deixar de fazer esta diferença de brasileiros, e de cidadãos brasileiros. Segundo a qualidade de nossa população, os filhos dos negros, crioulos cativos, são nascidos em território brasileiro, mas todavia, não são cidadãos brasileiros. Devemos fazer esta diferença: brasileiro é o que nasce no Brasil, e cidadão brasileiro é o que tem direitos cívicos³¹.

O diálogo entre os dois deputados parece encerrar disposições sociais mais amplas, imersas nas lógicas de uma época, mesmo em face da complexidade da extração de um representante, no período.³² Ainda de acordo com os apontamentos dos deputados, pode-se apontar que os grupos populacionais brasileiros são compreendidos a partir de formulas hierarquizadoras que preconizam lugares sociais claros. Neste sentido, tem-se que

³⁰ Atas da sessão da Câmara de Deputados de 23 de setembro de 1823.

³¹ Idem, *ibidem*.

³² Há que se considerar que a complexidade da representatividade tenderia a aumentar em breve, e a sociedade brasileira experimentaria formulas excludentes de eleição de seus representantes.

nas várias regiões brasileiras, as múltiplas disposições sociais existentes são marcadas pela forma como dialogaram com projetos e formulações contidas no bojo de negociações intrínsecas às novas realidades que se impunham aos espaços, às potencialidades miradas por ondas exploratórias, aos chamamentos econômicos e sociais, dentre outros aspectos possíveis, e claro, a partir de cumprimento de papéis sociais dos sujeitos que ali radicavam-se.

Ainda no tocante às disposições sociais, os corpos das pessoas pareciam oferecer a clareza, a nitidez com que se estabeleceram determinados diálogos, especialmente os dos homens e mulheres trabalhadores. Estes últimos são, supostamente, “herdeiros” de uma construção histórica e, conseqüentemente, os primeiros a se inserirem no incremento das interações que ocorreram. Os apontamentos de homens e mulheres contatados deixam ver as questões presentes em suas observações, aspectos importantes de suas escolhas sociais.

Na construção do cotidiano, a dimensão simbólica é uma das mais importantes estratégias de tentativa de dominação dos demais membros de uma sociedade. Na dinâmica de construção do Brasil Central, as valorizações e os processos de descredenciamentos de avaliações do passado, de formas de se posicionar sobre os encaminhamentos sociais que afetam a todos os presentes, de forma hábil, ganha ares de não questão a ser discutida no conjunto das principais demandas da cena histórica regional.

Transparece nas diferentes observações dos homens e mulheres entrevistados, e nas muitas motivações e sentidos evocados nas recordações, aspectos que revelam outros (re)direcionamentos, (re)ordenamentos de forças e (re)orientações de projetos pessoais e do grupo que deixam claro que não estavam motivados ou relacionados aos da impulsos da simples e dura materialidade e da subsistência. Muito dessa construída sinergia de possibilidades e tentativa social de construção de uma forma de ser, parece traduzir-se em práticas e sentidos variados, e não raro fazem-se presentes nas ações rotineiras, nas escolhas quase incompreensíveis em meio à profusão de estratégias e organizações que se constituem em mecanismos para lidar com os diversos elementos da relação com o passado e o diálogo desse grupo de sujeitos com as condições efetivas naquele momento histórico, com as pressões sociais locais e acontecimentos diversos apoiados no fato de serem trabalhadores. Vem a público também as diversas formulações e tentativas solitárias, coletivas de implantação de valores e ideais nesses cenários.³³

As intenções dos demais projetos e disposições sociais necessitam ser colocadas como agentes importantes de uma complexa forma de disputa e tentativas de encaminhamentos sociais, e não como únicos e reais compo-

³³ Como observa Paul Ricoeur ao frisar que “[...] o esquecimento envolvido no perdão é o ‘esquecimento da dívida e não o esquecimento do fato’” (*Apud.* ZAWADZKI In: BRESCIANI & NAXARA, 2001, pp. 371-402).

nentes do passado histórico que é difundido como o legítimo ordenador das relações, das acomodações sociais que são apresentadas. As teias das múltiplas memórias sociais inter cruzam-se, mas, não raro, partem de pontos e de intenções distintas.

Alguns usos de determinados instrumentos de propagação das compreensões sociais do passado estão, por certo, permeados pelas condições, momentâneas, que delineiam vitórias e encerram disputas. Por certo, estas instáveis disposições históricas determinam atualizações sociais de um passado, em que os diversos sujeitos procuram fazer valer sua preocupação com a manutenção de escolhas, e consequente valorização social de suas ações, dos encaminhamentos que pretendem dispor a todos.

Há que se considerar que, as preponderantes análises, dos acontecimentos históricos, possuem uma capacidade prática, uma função que institui formas de pensar, e não raro, com a competência de situar os sujeitos no presente. Dessa forma, a maneira como se processam as informações sobre o passado pode somar aos demais fatores que balizam a atualidade e acabam perfazendo uma intermediação, não direta, não conclusiva, mas somadora das maneiras de ver o passado, e claro, o presente na região. Assim, em meio aos vários aspectos abordados neste breve artigo, algumas pontas e novos elementos destacaram-se, tais como: quais foram as formas de negociação da demanda dos grandes centros consumidores; quais os efeitos práticos do incremento da produção regional na vida dos trabalhadores na região; quais os desdobramentos na correlação de forças intra municípios, dentre outros. Para contribuir com a questão, sem dúvida, é necessária a demanda de um novo investimento e uma nova interlocução.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN. Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 2009.

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. **Estrutura Fundiária em Goiás: consolidação e mudanças – 1850-1910**. Goiânia: Editora UCG, 1993.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORGES, Barsanulfo Gomides. **O despertar dos dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais – 1909-1922**. Goiânia: UFG, Centro Editorial e Gráfico, 1990.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre a questão sensível. Campinas/SP. Editora Unicamp. 2001.

BRIOSCHI, Lucila Reis. **Na estrada do Anhanguera**: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999.

CARMO, Luiz Carlos. **Função de preto**: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960. Dissertação defendida junto a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP. 2000.

COSTA, Ana Paula Pereira. Tecendo redes, construindo autoridade: notas preliminares acerca da formação de redes de reciprocidade entre oficiais dos corpos de auxiliares e de ordenanças e seus escravos. **Revista Eletrônica de História do Brasil**. V. 8, nº 1 e 2, jan.- dez., 2006.

GARCIA JÚNIOR, Afranio Raul. **O Sul**: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Editora Marco Zero e Editora UNB, em co-edição com o MCT CNPq, 1990.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1870**. Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos e outros textos escolhidos**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultura, 2002.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, Ed. Sociologia e Política, 1974.

MELLO, João Manuel. Cardoso de. **O capitalismo tardio**: contribuição à revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1998.

OLIVEIRA, Hamilton Afonso. **A construção da riqueza no sul de Goiás. 1835-1910**. Tese de doutoramento defendida junto ao Departamento de História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2006.

OLIVEIRA, Paulo Roberto de. **Entre rios e trilhos**: as possibilidades de integração econômica de Goiás na Primeira República: 1889 – 1930. Dissertação de mestrado, História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007.

PALACIM, Luís. Os três povoamentos de Goiás. **Revista do Instituto Histórico Geográfico de Goiás**. Ano 07 N.º08: Goiânia, 1979.

PALMÉRIO, Mario. **Vila dos Confins**. São Paulo: Editora José Olympio, 1956.

PERISSINOTTO, Renato Monseff. **Estado e capital cafeeiro em São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Fapesp, Campinas, SP: Unicamp, 2000.

PEZZUTI, Pedro. **Município de Uberabinha**: história, administração, finanças, economia. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, V. 2, nº 3. 1989.

PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a civilização do Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

SANTOS, Hélio. **A busca de um caminho para o Brasil**: a trilha do círculo vicioso. São Paulo: Editora Senac. 2001.

SAMPAIO, Antônio Borges. **Uberaba**: história, fatos e homens. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

Artigo recebido em 30-06-2014, revisado em 20-11-2014 e aceito para publicação em 10-12-2014.